



PEDRO BANDEIRA
CARLOS EDGARD HERRERO

O PEQUENO FANTASMA

● Leitor iniciante – 1^{os} anos
do Ensino Fundamental

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega
Elaboração: Luísa Nóbrega

De Leitores e Asas

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*“Andorinha no coqueiro,
Sabiá na beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar.”*



Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental têm como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a estas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que depreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que deveriam ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que está a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “*não quer voltar*”. Se todos estes elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,
e que o sabiá está na beira-mar.*

*Observo que a andorinha vai e volta,
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor-de-cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” através da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, decepção por não acreditar-mos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff*, a partir de onde estão seus pés e do que veem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos. Os horizontes de um leitor e de outro podem estar mais ou menos próximos. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso “*meu amor não quer voltar*”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “quer” voltar? Repare que não é “*não pode*” que está escrito, é “*não quer*”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou. Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira, etc. O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

* “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.” *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana* (37ª edição, 2001), Leonardo Boff, Editora Vozes, Petrópolis.

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom mais feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.



DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Contextualiza-se o autor e sua obra no panorama da literatura para crianças.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para permitir que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa considerar a pertinência da obra levando em conta as necessidades e possibilidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Procuramos evidenciar outros aspectos que vão além da trama narrativa: os temas e a perspectiva com que são abordados, certos recursos expressivos usados pelo autor. A partir deles, o professor poderá identificar que conteúdos das diferentes áreas do conhecimento poderão ser explorados, que temas poderão ser discutidos, que recursos linguísticos poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora do aluno.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Ao ler, mobilizamos nossas experiências para compreendermos o texto e apreciarmos os recursos estilísticos utilizados pelo autor. Folheando o livro, numa rápida leitura preliminar, podemos antecipar muito a respeito do desenvolvimento da história.



PEDRO BANDEIRA CARLOS EDGARD HERRERO

O PEQUENO FANTASMA

- Leitor iniciante – 1^{os} anos do Ensino Fundamental

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega
Elaboração: Luísa Nóbrega



De Leitores e Asas

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*“Andorinha no coqueiro,
Sabiá na beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar.”*



Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental têm como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a estas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que depreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que deveriam ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que está a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “não quer voltar”. Se todos estes elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,
e que o sabiá está na beira-mar.
Observo que a andorinha vai e volta,
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor-de-cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” através da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, desilusão por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff*, a partir de onde estão seus pés e do que veem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos. Os horizontes de um leitor e de outro podem estar mais ou menos próximos. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso “*meu amor não quer voltar*”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “quer” voltar? Repare que não é “*não pode*” que está escrito, é “*não quer*”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou. Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira, etc. O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

* “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.” *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana* (37ª edição, 2001), Leonardo Boff, Editora Vozes, Petrópolis.

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom mais feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.



DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Contextualiza-se o autor e sua obra no panorama da literatura para crianças.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para permitir que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa considerar a pertinência da obra levando em conta as necessidades e possibilidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Procuramos evidenciar outros aspectos que vão além da trama narrativa: os temas e a perspectiva com que são abordados, certos recursos expressivos usados pelo autor. A partir deles, o professor poderá identificar que conteúdos das diferentes áreas do conhecimento poderão ser explorados, que temas poderão ser discutidos, que recursos linguísticos poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora do aluno.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Ao ler, mobilizamos nossas experiências para compreendermos o texto e apreciarmos os recursos estilísticos utilizados pelo autor. Folheando o livro, numa rápida leitura preliminar, podemos antecipar muito a respeito do desenvolvimento da história.

As atividades propostas favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.

- ✓ Explicitação dos conhecimentos prévios necessários para que os alunos compreendam o texto.
- ✓ Antecipação de conteúdos do texto a partir da observação de indicadores como título (orientar a leitura de títulos e subtítulos), ilustração (folhear o livro para identificar a localização, os personagens, o conflito).
- ✓ Explicitação dos conteúdos que esperam encontrar na obra levando em conta os aspectos observados (estimular os alunos a compartilharem o que forem observando).

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos significados do texto pelo leitor.

- ✓ Leitura global do texto.
- ✓ Caracterização da estrutura do texto.
- ✓ Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.

c) depois da leitura

Propõem-se uma série de atividades para permitir uma melhor compreensão da obra, aprofundar o estudo e a reflexão a respeito de conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como debater temas que permitam a inserção do aluno nas questões contemporâneas.

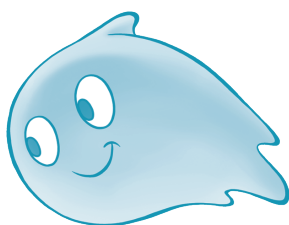
- ✓ Compreensão global do texto a partir da reprodução oral ou escrita do texto lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- ✓ Apreciação dos recursos expressivos mobilizados na obra.
- ✓ Identificação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- ✓ Explicitação das opiniões pessoais frente a questões polêmicas.
- ✓ Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar ou para a produção de outros textos ou, ainda, para produções criativas que contemplem outras linguagens artísticas.

LEIA MAIS...

- ✓ do mesmo autor
- ✓ sobre o mesmo assunto
- ✓ sobre o mesmo gênero

PEDRO BANDEIRA
CARLOS EDGARD HERRERO

O PEQUENO FANTASMA



● Leitor em processo – 1^{os} anos do Ensino Fundamental

UM POUCO SOBRE OS AUTORES

Nascido em Santos, São Paulo, em 1942, Pedro Bandeira mudou-se para a cidade de São Paulo em 1961. Trabalhou em teatro profissional como ator, diretor e cenógrafo. Foi redator, editor e ator de comerciais de televisão. A partir de 1983 tornou-se exclusivamente escritor. Sua obra, direcionada a crianças, jovens e jovens adultos, reúne contos, poemas e narrativas de diversos gêneros. Entre elas, estão: *Malasaventuras — safadezas do Malasartes*, *O fantástico mistério de Feiurinha*, *O mistério da fábrica de livros*, *Pântano de sangue*, *A droga do amor*, *Agora estou sozinha...*, *A droga da obediência*, *Droga de americana!* e *A marca de uma lágrima*. Recebeu vários prêmios, como Jabuti, APCA, Adolfo Aizen e Altamente Recomendável, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

A partir de 2009, toda a sua produção literária integra com exclusividade a Biblioteca Pedro Bandeira da Editora Moderna.

Nascido em São Paulo, Carlos Edgard Herrero cursou Belas Artes e artes plásticas. Especializou-se em histórias em quadrinhos e ilustração para as mais diversas faixas etárias e fez quadrinhos para Walt Disney durante 16 anos. Tem um pequeno estúdio de publicidade e *design* e continua escrevendo, desenhando e fazendo o que mais gosta na área editorial. É viúvo e tem uma filha jornalista.

RESENHA

Essa é a história de Psiu, um pequeno fantasma que, como todos os outros, nasceu numa fábrica de lençóis — afinal, nos revela o narrador, os fantasmas nada mais são do que lençóis defeituosos descartados pelos fabricantes. Em meio a uma pilha deles, Psiu adormeceu, e só acordou quando todos os outros lençóis já tinham voado para longe, indo assombrar castelos, mansões mal-assombradas ou mesmo os trens-fantasma dos parques de diversão. O pobre Psiu, vendo-se sozinho, caminhou para a cidade sem saber para onde ir, apenas para ser prontamente atropelado por uma bicicleta e arrastado pelo para-choque de caminhão. Rasgado, manchado, sujo de graxa, acabou sendo encontrado por uma moça com um bebê no colo, que costurou todos os seus rasgos e lavou-o com água e sabão. Depois de adormecer pendurado no varal, eis que Psiu, feliz e aliviado, acordou num berço, agasalhando um pequeno bebê.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Pedro Bandeira e Carlos Edgard Herrero criaram a série *Meus medinhos* com o desejo de desmistificar os monstros cujas histórias há muito tempo causam medo e curiosidade nas crianças. Os fantasmas, monstros, dragões, lobisomens e bruxas que aparecem nessa coleção são seres medrosos, cômicos, frágeis, doces, cuja tentativa de fazer maldades acaba saindo às avessas. São, em sua maioria, monstros cuja meiguice os torna desajustados no universo do terror e os obriga a resvalar para a comédia e para uma narrativa amena e pacífica, que ao final da história terminam, quase sempre, tornando-se amigos e companheiros das crianças humanas.

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, Arte

Temas transversais: Pluralidade Cultural, Ética

Público-alvo: Anos iniciais do Ensino Fundamental

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura:

1. Revele para as crianças que o título da coleção a que pertence o livro que estão prestes a ler é *Meus medinhos*. Estimule-as a pensar nas coisas de que têm medo e elabore uma lista relacionando os medos da classe. Quais serão os mais comuns?
2. Em seguida, proponha que as crianças criem categorias para classificar seus medos (por exemplo: medo de monstros e seres sobrenaturais, medo de bichos, medo da violência nas cidades, medo de doenças, medo de tratamentos médicos ou odontológicos). Organize uma tabela para sintetizar a classificação.
3. Mostre para os alunos a capa do livro e estimule-os a ler o título da história. Os fantasmas apareceram na lista de medos das crianças? Na sua opinião, fantasmas existem ou não existem? Quais são as principais características de um fantasma (é translúcido, pode atravessar as paredes, é a alma de alguém que já morreu etc.)? Deixe que as crianças discorram sobre o que sabem do assunto.
4. Peça às crianças que tentem se lembrar de histórias em quadrinhos, filmes, livros e desenhos animados que conhecem em que apareçam um ou mais fantasmas. Quais são as diferenças e as semelhanças entre os personagens-fantasma dessas histórias? Os fantasmas são sempre malvados ou existem também fantasmas inofensivos?
5. Deixe que as crianças folheiem o livro, observando as ilustrações, e estimule-as a levantar hipóteses a respeito do desenrolar da narrativa.
6. Ao final do livro, os autores revelam que aquilo que lhes serviu de estímulo para criar essa história foi uma pergunta curiosa: “como nascem os fantasmas?”. Faça essa pergunta a seus alunos e organize um levantamento das respostas possíveis.

Durante a leitura:

1. Como se trata de um livro escrito para leitores em processo de alfabetização, seria interessante ler o livro em voz alta, estimulando as crianças a acompanharem no livro o texto que está sendo lido. Procure tornar essa leitura prazerosa e dinâmica, dando ritmo à narrativa e ressaltando os efeitos de humor e surpresa do texto. Algumas vezes, escolha alunos para tentar ler, eles mesmos, o texto em voz alta, ajudando-os nessa tarefa.
2. Peça aos alunos que prestem atenção na maneira engraçada e surpreendente pela qual o autor do livro responde a pergunta a respeito do nascimento dos fantasmas.
3. Estimule os alunos a verificar se as hipóteses que haviam criado a respeito do desenrolar da narrativa se confirmam ou não.

4. Proponha que as crianças procurem perceber as semelhanças e diferenças entre Psiu e os fantasmas das histórias que eles conhecem.
5. Estimule-os a observar as ilustrações de *Openthedoor*, procurando perceber a relação que existe entre o texto e as imagens.

Depois da leitura:

1. Psiu, o protagonista do livro, lembra muito um dos personagens clássicos dos desenhos animados americanos, *Gasparzinho*, o *fantasminha camarada*, que o tempo todo procura fazer amigos, mas acaba, sem querer, assustando as pessoas. Assista com seus alunos a alguns episódios do desenho e, em seguida, peça que as crianças façam uma lista das semelhanças e diferenças entre os dois personagens. Existe disponível nas locadoras o DVD *Gasparzinho, desenho animado vol. I, II e III*, distribuído pela Universal Home Vídeo, e no YouTube é possível encontrar alguns ótimos episódios da série, como “Gasparzinho: assustar ou não assustar” (disponível no link http://www.youtube.com/watch?v=T9QsS_QSb3o&feature=related), que trata das trapalhadas do fantasminha em meio a uma festa de *Halloween*.
2. Mauricio de Souza, criador de alguns dos personagens mais famosos do quadrinho infantil brasileiro, inventou um personagem inspirado no americano Gasparzinho: o Penadinho, que muito provavelmente seus alunos conhecem. Proponha que as crianças façam uma pesquisa entre as revistas da *Turma da Mônica* e reúnam histórias em que o personagem apareça para ler com a classe. Veja se percebem que o personagem, embora companheiro e simpático, não é tão bonzinho quanto Gasparzinho ou Psiu, já que ocasionalmente gosta de assustar as pessoas.
3. Uma das peças mais conhecidas de Maria Clara Machado, talvez a mais importante autora de teatro infantil no Brasil, é *Pluft*, o *fantasminha camarada*, que narra a história de um fantasminha que tem medo de gente e só supera o trauma ao salvar a bela menina Maribel de um grupo de fantasmas inescrupulosos. Converse com os professores do quarto ou do quinto ano e sugira que preparem com seus alunos uma leitura dramática da peça para apresentar para os alunos dos primeiros e segundos anos. Sugira que seja uma leitura caprichada, com figurinos, cenário e sonoplastia, e que os alunos responsáveis por interpretar os papéis caprichem na caracterização dos mesmos. Pode ser uma atividade interessante para promover uma integração entre as classes e para que tanto os alunos mais velhos quanto os mais novos possam se aproximar, cada qual à sua maneira, da linguagem teatral.
4. Enquanto alguns fantasmas, como Gasparzinho e Psiu, sofrem porque não gostam de assustar as pessoas e se sentem sozinhos, há humanos que se fazem passar por fantasmas para levar van-

tagem... Leia para seus alunos o conto popular *O ciclo dos dois compadres*, disponível no link <http://www.jangadabrasil.com.br/revista/dezembro61/especial06.asp>, em que uma mulher se veste de fantasma para ajudar o marido a roubar uma leitoa e acaba dando um baita susto em dois compadres desavisados...

5. Será que adultos e crianças têm medo das mesmas coisas? Proponha que seus alunos entrevistem 5 crianças e 5 adultos para saber do que cada um tem mais medo, anotando as respostas com cuidado. Depois de concluídas as entrevistas, ajude-os a tabular as respostas, isto é, listar as respostas diferentes e marcar ao lado sempre que mais alguém responder a mesma coisa. Terminada a tabulação, estimule-os a conferir as dez respostas mais votadas pelo grupo dos adultos e pelo grupo das crianças e comparar para descobrir diferenças e semelhanças.

6. Proponha agora que cada um dos seus alunos crie o seu próprio personagem-fantasma. Pode ser um fantasma realmente assustador; um fantasma que tenta assustar, mas só faz rir; um fantasma medroso e bonzinho; alguém que finge ser fantasma; um fantasma que pensa que é gente, um lençol que queria ser fantasma... Peça que façam um desenho bem caprichado do seu personagem e criem um nome para ele.

LEIA MAIS...

1. DOS MESMOS AUTORES

- *O pequeno lobisomem* — São Paulo: Moderna
- *A pequena bruxa* — São Paulo: Moderna
- *O pequeno monstro* — São Paulo: Moderna
- *O pequeno dragão* — São Paulo: Moderna
- *O pequeno bicho-papão* — São Paulo: Moderna

2. SOBRE O MESMO ASSUNTO

• *Todo mundo tem medo*, de Ana Cláudia Ramos — São Paulo: Formato

- *Diogo e o monstro*, de Cristina Von — São Paulo: Callis
- *Quem tem medo de quê?*, de Ruth Rocha — São Paulo: Global
- *Quem tem medo de monstro?*, de Ruth Rocha — São Paulo: Global